

H.G.

WELLS

A MÁQUINA DO TEMPO



Tradução
Luisa Facincani



**H.G.
WELLS**

A MÁQUINA DO TEMPO



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The time machine

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
H. G. Wells

Revisão
Aiko Mine
Mauro de Barros

Editora
Michele de Souza Barbosa

Design de capa
Wilson Gonçalves

Tradução
Luisa Facincani

Preparação
Regiane Miyashiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W453i	Wells, H. G.
	A Máquina do Tempo / H. G. Wells; traduzido por Luisa Facincani. - Jandira, SP : Principis, 2022. 112 p. ; 15,50cm x 22,60cm. (Clássicos da Literatura Mundial)
	Título original: The Time Machine ISBN: 978-65-5552-639-4
	1. Literatura inglesa. 2. Viagem. 3. Aventura. 4. Fantasia. 5. Tecnologia. I. Facincani, Luisa. II. Título.
2021-0157	CDD 820 CDU 82/9.82-31

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 820
2. Literatura inglesa : Romance 82/9.82-31

2ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

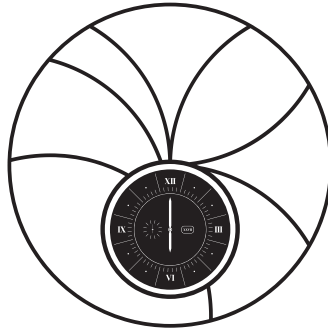
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

SUMÁRIO

Introdução	7
A máquina	14
O Viajante do Tempo retorna.....	19
Viagem no Tempo.....	26
Na Era de Ouro	33
A decadência da Humanidade	38
Uma surpresa repentina.....	45
Explicação	52
Os Morlocks.....	64
Quando a noite chegou	71
O Palácio de Porcelana Verde	79
Na escuridão.....	86
A armadilha da Esfinge Branca.....	94
A visão futura	98
O retorno do Viajante do Tempo.....	104
Depois da história.....	106
Epílogo	111



INTRODUÇÃO

O Viajante do Tempo (que será chamado assim por conveniência) nos esclarecia um assunto obscuro. Seus olhos acinzentados brilhavam cintilantes e seu rosto, normalmente pálido, estava corado e entusiasmado. O fogo queimava de maneira intensa, e o brilho suave das luzes incandescentes nos lírios de prata do candelabro capturava as bolhas que reluziam e se desfaziam em nossos copos. Nossas poltronas, desenhadas pelo próprio Viajante, nos abraçavam e acariciavam, em vez de servirem como meros assentos, e havia aquela luxuosa atmosfera após o jantar, quando os pensamentos correm livres do domínio da precisão. E ele nos explicava desta maneira, indicando com o dedo magro os pontos, enquanto nos recostávamos e admirávamos preguiçosamente sua determinação a respeito deste novo paradoxo (como nós o definimos) e seus desdobramentos.

– Prestem muita atenção em mim. Terei de contestar uma ou duas ideias que são quase universalmente aceitas. A geometria ensinada a vocês na escola, por exemplo, é baseada em um conceito errado.

– Você não acha que é um nível muito alto para começarmos?
– disse Filby, um ruivo muito argumentativo.

– Não pretendo pedir a vocês que aceitem tudo sem razões plausíveis para isso. Em breve, eu os farei concordarem comigo. Vocês sabem, é claro, que uma linha matemática, uma linha de espessura zero, não tem existência real. Ensinaaram isso a vocês? Assim como um plano matemático. Essas coisas são apenas abstrações.

– Certamente – disse o Psicólogo.

– Um cubo também não pode ter existência real se tiver apenas comprimento, largura e altura.

– Disso eu discordo – disse Filby. – Naturalmente, um corpo sólido pode existir. Todas as coisas reais.

– Bom, é o que a maioria das pessoas pensa, mas espere um momento. Um cubo instantâneo pode existir?

– Não entendi – disse Filby.

– Um cubo que não dure nem mesmo um segundo pode ter uma existência real?

Filby ficou pensativo.

– Obviamente – prosseguiu o Viajante do Tempo –, qualquer corpo real deve se estender em quatro direções: comprimento, largura, altura e duração. Mas, por causa de uma imperfeição do corpo, que explicarei em breve, somos inclinados a ignorar esse fato. Existem realmente quatro dimensões, três que chamamos de “os três planos do Espaço”, e uma quarta, “o Tempo”. Existe, entretanto, uma tendência a criar uma distinção irreal entre as três primeiras dimensões e a última, porque nossa consciência se move de maneira descontínua em uma só direção ao longo do Tempo, do início ao fim de nossas vidas.

– Isso... – disse um jovem rapaz, fazendo um grande esforço para reacender seu charuto à luz de uma lâmpada – isso é, de fato, muito claro.

– No entanto, é surpreendente que isso seja tão amplamente ignorado – continuou o Viajante do Tempo, com uma leve animação. – É exatamente isso que se entende por Quarta Dimensão, ainda que algumas pessoas falem sobre ela sem saber o que dizem. É apenas uma outra maneira de enxergar o Tempo. Não há diferenças entre o Tempo

A MÁQUINA DO TEMPO

e as outras três dimensões do Espaço, exceto que a nossa consciência se move junto a ele. Mas algumas pessoas ingênuas apegaram-se ao lado errado da ideia. Vocês já ouviram o que eles têm a dizer sobre essa Quarta Dimensão?

– Eu não – disse o Prefeito Provincial.

– É simples. Considera-se que aquele Espaço, da maneira como entendem nossos matemáticos, possui três dimensões, que podem ser chamadas de Comprimento, Largura e Altura, e é sempre definido em referência a três planos, ligados uns aos outros por ângulos retos. Porém algumas pessoas têm filosofado sobre por que três dimensões especificamente, por que não outra direção em ângulo reto com as outras três? E até tentaram criar uma geometria Quadridimensional. O professor Simon Newcomb explicou tal teoria à Sociedade Matemática de Nova Iorque¹ há pouco mais de um mês. Vocês sabem que em uma superfície plana, com apenas duas dimensões, podemos representar uma figura de um sólido tridimensional. Assim, de maneira semelhante, essas pessoas acreditam que, com modelos de três dimensões, seria possível representar um modelo de quatro, se pudessem dominar a perspectiva da coisa. Entenderam?

– Acredito que sim – murmurou o Prefeito Provincial. E franzindo a testa, entrou em um estado introspectivo, seus lábios movendo-se como se repetissem um mantra. – Sim, acho que entendo agora – disse, depois de algum tempo, animando-se momentaneamente.

– Bom, não me importo em dizer a vocês que venho trabalhando nessa geometria de Quatro Dimensões há algum tempo. Alguns dos meus resultados são curiosos. Por exemplo, aqui está o retrato de um homem aos 8 anos de idade, outro aos 15, outro aos 17, outro aos 23 e assim por diante. Todos esses retratos são seções, por assim dizer, representações Tridimensionais do seu ser Quadridimensional, que é algo fixo e inalterável.

¹ Hoje conhecida como *American Mathematical Society* (Sociedade Americana de Matemática, em português). (N.T.)

– Pessoas da área científica – prosseguiu o Viajante do Tempo, após a pausa necessária para a assimilação apropriada do assunto – sabem muito bem que Tempo é apenas um tipo de Espaço. Tenho aqui um diagrama científico popular, um boletim meteorológico. Esta linha que traço com o dedo mostra o movimento do barômetro. Ontem este estava alto, à noite caiu, e então esta manhã subiu de novo, chegando cuidadosamente até aqui. Sem dúvida, o mercúrio não traçou esta linha em nenhuma das dimensões do Espaço geralmente reconhecidas, não é? Mas com certeza traçou uma linha e, portanto, devemos concluir que essa linha foi traçada ao longo da Dimensão-Tempo.

– Mas... – disse o Médico, olhando fixamente para um carvão que queimava – se o Tempo é realmente apenas uma quarta dimensão do Espaço, por que é, e por que sempre foi, considerado algo diferente? E por que não podemos nos mover no Tempo assim como nos movemos nas outras dimensões do Espaço?

O Viajante do Tempo sorriu.

– Tem certeza de que podemos nos mover tão livremente no Espaço? Podemos ir para a direita e para a esquerda, para frente e para trás com liberdade, e assim os homens sempre fizeram. Reconheço que nos movemos à vontade em duas dimensões. Mas e para cima e para baixo? A gravidade nos limita nesse quesito.

– Não necessariamente – disse o Médico. – Existem balões.

– Mas antes dos balões, exceto por saltos curtos e assimetrias na superfície, o homem não tinha nenhuma liberdade de movimento vertical.

– Ainda assim, podiam se mover um pouco para cima e para baixo – disse o Médico.

– É mais fácil, bem mais fácil, para baixo do que para cima.

– E você não pode se mover no Tempo de forma alguma, não pode fugir do momento presente.

– Meu caro senhor, é aí que se engana. É aí que o mundo inteiro se enganou. Nós estamos sempre fugindo do momento presente. Nossas existências mentais, imateriais e sem dimensões,

A MÁQUINA DO TEMPO

estão viajando ao longo da Dimensão-Tempo em uma velocidade constante, do berço ao túmulo. Da mesma maneira que nos deslocaríamos para baixo se começássemos nossa existência 80 quilômetros acima da superfície terrestre.

– Mas a grande dificuldade é essa – interrompeu o Psicólogo. – Você pode se mover em todas as direções do Espaço, mas não pode se mover no Tempo.

– Esta é a origem da minha grande descoberta. Estamos errados ao dizer que não podemos nos mover no Tempo. Por exemplo, se eu estou lembrando um acontecimento muito vívido, volto ao instante em que este ocorreu: fico distraído, como vocês dizem. Volto ao passado por um momento. Claro, não temos como permanecer lá por mais do que um curto período, não mais do que um homem primitivo ou um animal pode permanecer a alguns metros do chão. Porém um homem civilizado está bem melhor do que um primitivo nesse aspecto. Ele pode desafiar a gravidade em um balão, então por que não deveria acreditar que finalmente pode ser capaz de parar ou acelerar seu percurso ao longo da Dimensão-Tempo, ou até mesmo fazer um retorno e viajar na direção oposta?

– Ah, isso – começou Filby –, é tudo...

– Por que não? – perguntou o Viajante do Tempo.

– É contra a lógica – disse Filby.

– Que lógica? – perguntou o Viajante do Tempo.

– Você pode usar argumentos para provar que preto é branco – disse Filby –, mas nunca irá me convencer.

– Provavelmente não – disse o Viajante do Tempo. – Mas agora vocês começam a ver o objeto das minhas investigações no campo da geometria das Quatro Dimensões. Há muito tempo, tive a vaga ideia de uma máquina...

– Para viajar no Tempo! – exclamou o Jovem Rapaz.

– Que pudesse viajar em qualquer direção de Espaço e Tempo, de acordo com a vontade do piloto.

Filby soltou uma risada.

– Mas eu fiz uma experiência – disse o Viajante do Tempo.

– Seria muito conveniente para os historiadores – o Psicólogo sugeriu. – Poderiam voltar ao passado e verificar o relato sobre a Batalha de Hastings², por exemplo.

– Você não acredita que isso chamaria a atenção? – perguntou o Médico.

– Nossos ancestrais não tinham muita tolerância para anacronismos.

– Poderiam aprender grego dos próprios lábios de Homero e Platão – pensou o Jovem Rapaz.

– Nesse caso, certamente o reprovariam no exame da universidade. Os acadêmicos alemães aperfeiçoaram muito o grego.

– E ainda tem o futuro – disse o Jovem Rapaz. – Imagine poder investir todo o dinheiro guardado, deixar acumular com juros e então aproveitá-lo.

– Para descobrir uma sociedade construída fundamentalmente sobre bases comunistas – eu disse.

– De todas as teorias extravagantes! – começou o Psicólogo.

– Sim, era como me parecia, e por isso nunca comentei a respeito até que...

– Fez a experiência! – resmunguei. – Você vai comprovar isso?

– O experimento! – gritou Filby, que começava a se cansar.

– De qualquer maneira, vamos ao seu experimento – disse o Psicólogo –, apesar de ser tudo um truque, você sabe.

O Viajante do Tempo sorriu para nós. Então, ainda sorrindo e com as mãos afundadas nos bolsos da calça, andou lentamente para fora da sala. Ouvimos o arrastar dos seus chinelos no longo corredor até o laboratório.

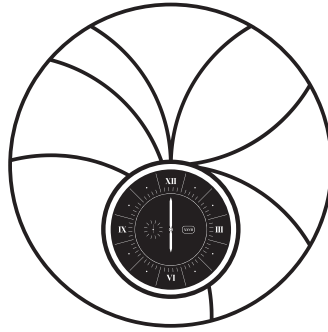
O Psicólogo nos olhou.

² A Batalha de Hastings ocorreu no dia 14 de outubro de 1066, entre o último rei anglo-saxão, Haroldo II, e o duque da Normandia, Guilherme, o Bastardo, e resultou na coroação de Guilherme como rei da Inglaterra. O relato mencionado pela personagem foi feito por um cronista da época e é até hoje utilizado como referência para se compreender a batalha. (N.T.)

A MÁQUINA DO TEMPO

– Me pergunto o que ele vai fazer...

– Ilusionismo ou algo do tipo – disse o Médico, e Filby tentou nos contar sobre um mágico que havia visto em Burslem, mas, antes de terminar a introdução, o Viajante do Tempo retornou e a anedota de Filby acabou.



A MÁQUINA

Aquilo nas mãos do Viajante do Tempo era uma estrutura de metal cintilante, um pouco maior que um pequeno relógio, e bem delicada. Tinha partes de marfim e de um tipo de substância cristalina transparente. E agora devo ser bem claro, pois o que vem a seguir, a menos que a explicação do Viajante seja aceita, é algo totalmente inexplicável. Ele pegou uma das pequenas mesas octogonais espalhadas pela sala e a colocou em frente ao fogo, com dois pés apoiados no tapete. Sobre a mesa posicionou o mecanismo, então puxou uma poltrona e se sentou. O outro objeto sobre a mesa era um pequeno abajur, cuja luz iluminava o dispositivo. Havia talvez uma dúzia de velas ao redor da sala, duas em castiçais de bronze sobre a parte de cima da lareira e diversas em arandelas, para que a sala estivesse completamente iluminada. Sentei-me em uma poltrona baixa perto do fogo e a puxei para a frente, ficando quase entre o Viajante do Tempo e a lareira. Filby sentou-se atrás dele, olhando-o por cima do ombro. O Médico e o Prefeito Provincial o observaram de perfil do lado direito e o Psicólogo, do lado esquerdo. O Jovem Rapaz ficou atrás do Psicólogo. Estávamos todos em alerta e parecia impossível para mim que algum tipo de truque, por mais hábil e sutil que fosse, pudesse ter nos enganado sob essas circunstâncias.

A MÁQUINA DO TEMPO

O Viajante do Tempo olhou para nós e, depois, para o mecanismo.

– E então? – perguntou o Psicólogo.

– Este pequeno objeto – disse o Viajante do Tempo, apoiando os cotovelos na mesa e unindo as mãos sobre o aparato – é apenas um modelo. É o meu plano de máquina para viajar através do tempo. Vocês notarão que ele parece particularmente torto e que esta barra tem uma aparência cintilante estranha, como se fosse falsa de alguma forma – ele indicou o local com o dedo. – Aqui há uma pequena alavanca branca, e há outra aqui também.

O Médico levantou-se da poltrona e se posicionou perto do objeto.

– É incrivelmente bem feito – ele disse.

– Levou dois anos para ser construído – observou o Viajante do Tempo. Então, quando todos nós havíamos imitado a ação do Médico, ele disse:

– Quero deixar muito claro para vocês que esta alavanca, ao ser pressionada, envia a máquina para o futuro, e esta outra reverte o movimento. Esta sela representa o assento de um viajante do tempo. Agora vou pressionar a alavanca e a máquina começará a funcionar; e vai desvanecer, saltar para o Tempo futuro e desaparecer. Olhem bem para ela. Olhem para a mesa também para confirmar que não há nenhum truque. Não quero perder este modelo e depois ser chamado de charlatão.

Houve um minuto de pausa talvez. O Psicólogo deu a impressão de que falaria comigo, mas mudou de ideia. Então, o Viajante do Tempo estendeu o dedo em direção à alavanca.

– Não – ele disse, de repente. – Dê-me a mão.

E virando-se para o Psicólogo, pegou em sua mão e pediu que esticasse o indicador. Portanto, foi o próprio Psicólogo quem enviou o modelo de Máquina do Tempo para sua interminável viagem. Todos nós vimos a alavanca se mexendo. Tenho certeza de que não houve truques. Um sopro de vento fez a chama da lâmpada se mexer. Uma das velas sobre a lareira se apagou, e a pequena máquina balançou, tornou-se indistinta, foi vista como um fantasma por um segundo, como um redemoinho